

Fora da caverna²¹

Jota Alcides

Editor-Chefe

Em seu fabuloso exercício filosófico sobre um mundo ideal n.º **A República**, Platão supõe, magistralmente, uma experiência fascinante e de profundo significado aplicável aos dramas, ilusões e perturbações próprios da natureza humana. O sábio ateniense, discípulo de Sócrates, sugere que homens prisioneiros numa habitação subterrânea em forma de caverna estão com as costas voltadas para a abertura dela. Estão lá dentro da gruta algemados de pernas e pescoços, desde a infância, permanecendo no mesmo lugar e olhando em frente. Serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe por trás deles. Estranhos e aparentemente conformados prisioneiros têm dos seres e objetos que passam pela abertura da caverna impressões de sombras tomadas como sendo realidade. Quando esses homens encontram oportunidade de chegar até a abertura e contemplar a luz do sol, chocam-se com a realidade, mudam suas idéias e sentem-se como que curados de sua ignorância. Desde então, não querem mais se enganar com sombras e insistem em ficar contemplando as luzes da verdade.

Comparativamente à narrativa de Platão, o mesmo sentimento de exigência de verdade move hoje o espírito dos brasileiros, em sua grande maioria sofridos, injuriados e indignados por terem sido, durante tantos anos, amplamente enganados e surrupiados por verdadeiras quadrilhas de corruptos e corruptores, empenhadas somente em assaltar os cofres públicos. O que a CPI do Orçamento, criteriosa e corajosamente, está descobrindo e trazendo à claridade, como o chamado cartel das empreiteiras, tem provocado e está provocando nos brasileiros sensações semelhantes às observadas entre os prisioneiros da caverna de Platão. Já não satisfaz à sociedade do Brasil de hoje apenas a denúncia pública e a condenação dos corruptos. Exige também a sociedade, pressionando

parlamentares da CPI do Orçamento, que se afastem as sombras sob as quais se escondem os corruptores, denunciando-os e condenando-os. Cansados de permanecerem dentro de uma caverna de isolamento social, prisioneiros de suas angústias e decepções, sem os privilégios de uma minoria corrompida, os brasileiros querem agora uma República iluminada pelas luzes da ética e da moralidade.

Embora os tubarões da corrupção, descobertos em meio ao lamaçal onde se alimentam os corruptos investigados pela CPI estejam procurando gerar controvérsias e confusão, dentro do Congresso Nacional, sobretudo entre os políticos sérios e honrados, não existem mais dúvidas. Avaliam que, realmente, existe um cartel de corruptores, organizado e dinâmico, atuando com extraordinária eficiência no controle e manipulação de verbas públicas. Eles assumem superfaturamento de até cem por cento em obras governamentais e investimentos de milhões de dólares em campanhas eleitorais, mantendo sempre ativo o esquema de proteção aos seus interesses.

Do volume de informações originário das investigações realizadas pela CPI do Orçamento deduz-se, antes de tudo, que nada melhor para os corruptos do que a existência dos corruptores. Eles se complementam, deslumbrados e contaminados pelos vícios e benesses de acumulação imoral de riqueza. Por trás de falsas sombras de legitimidade, que, na verdade, encobrem imoralidade, corruptos e corruptores se locupletam descaradamente e desavergonhadamente.

Por isso, os brasileiros estão interessadamente atentos ao trabalho árduo e difícil da CPI, conscientes de que é uma oportunidade histórica de mudança da escuridão para a claridade. Clamam por combate duplo e rigoroso sabendo que não adianta apenas a eliminação de corruptos mantendo-se corruptores. E, mais do que nunca, exigem estoicismo de seus dirigentes públicos e privados porque sonham e querem um Brasil iluminado pelas luzes da ética e da verdade.

CORREIO BRAZILIENSE

09 DEZ 1993